Valor ECONÔMICO
Publicado em 29/07/2022 - 05:58

ArcelorMittal paga R$ 11,4 bi por usina siderúrgica no CE

Estratégia Grupo, gigante do aço da família Mittal, se consolida no setor com usina no Ceará

ArcelorMittal paga R$ 11,4 bilhões pela CSP para manter a liderança

Ivo Ribeiro
De São Paulo

Para se consolidar como líder na produção de aços planos no Brasil, e continuar a ser um grande fornecedor de produto semi-acabado ao exterior, o grupo ArcelorMittal, comandado pela família de origem indiana Mittal, anunciou ontem que vai investir R$ 11,4 bilhões na aquisição da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), no norte do Ceará.

O acordo foi assinado com a Vale e suas sócias sul-coreanas na siderúrgica, Dongkuk e Posco na noite de quarta-feira. A transação foi fechada após oito meses de conversas preliminares, visitas à usina, due diligence e negociações, disse ao **Valor** o CEO da ArcelorMittal em Aços Planos America do Sul, Jorge Oliveira.

Com a aquisição, que vai passar pelo crivo do Cade, o orgão anti trustre brasileiro com expectativa de ser aprovada até o final do ano, o grupo estará aportando na indústria do aço brasileira R$ 19 bilhões até 2024. No momento estão em curso investimentos de R$ 7,6 bilhões em expansão e modernização de unidades siderúrgicas que já opera no país.

"A decisão do investimento foi olhando para o longo prazo, mais de uma década à frente, por que acreditamos no aumento do consumo de aço no Brasil nos próximos anos. Abre também uma nova alternativa de expansão ao grupo, tanto para mercado interno quanto externo", afirmou o executivo da empresa.

Oliveira, com longa carreira no setor siderúrgico e grande parte dela no grupo, assumiu o cargo em 1º de outubro de 2021 — dez meses atrás. A estratégia de crescimento já vinha sendo estudada com vários caminhos. E aí surgiu a CSP. "Os planos estão seguindo o curso que foi traçado", disse.

Atualmente, a produção de aço bruto semi-acabado do grupo está centrada em Serra (ES), por meio da ArcelorMittal Tubarão, ao lado do porto de Vitória. São três altos-fornos e uma capacidade anual de 7,5 milhões de toneladas de placas. No local, a empresa faz também aços laminados para uso próprio e para clientes internos e da América do Sul.

A CSP vai adicionar ao grupo 3 milhões de toneladas de capacidade do mesmo produto (placa). Hoje, uma parcela maior é exportada para vários mercados e uma fatia vendida no país. "Nosso propósito é continuar atendendo a demanda local", disse Oliveira.

GABRIEL LORDELLO/VALOR

Oliveira, CEO de Aços Planos América do Sul, no cargo há dez meses: "Objetivo [com aquisição] era criar uma plataforma de produção no país de muito longo prazo"

Em relatório, analistas do banco UBS informaram que a CSP gerou, na média dos últimos cinco anos, lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de US$ 320 milhões por ano. Por isso, a transação teve um múltiplo de 6,7 vezes o Ebitda.

Segundo os analistas, o ativo (CSP) se beneficiará de uma taxa de imposto de 15% e tem US$ 1,2 bilhão em créditos fiscais para serem utilizado (compensando lucros em outras operações), além de oferecer potencial de expansão futura por meio do hidrogênio de baixo custo (permitindo conversão para tecnologias de DRI (redução direta) e EAF (forno elétrico). Mas o valor da aquisição, disseram, provavelmente não será bem-recebido pelo mercado.

A venda da CSP é o grande negócio no setor nesta década. Antes, outra produtora de placas, a Thyssenkrupp CSA, no Rio, foi vendida para o grupo Ternium. Também em 2017, a Arcelor Mittal adquiriu os ativos de aços longos da Votorantim Siderurgia no país — o Cade exigiu a venda de duas usinas para aprovar o negócio. Há dois anos a Gerdau comprou a laminadora Silat no Ceará.

Segundo a ArcelorMittal, a CSP ofereceu vários atrativos para levar a sua aquisição. Um deles é por ser um ativo novo (começou a operar seis anos atrás), fazendo placas de alta qualidade e com competitividade em termos de custo, podendo suprir necessidades do grupo, além de vender excedentes no Brasil e no exterior.

A aquisição é a primeira incursão no Nordeste. Suas operações são estão centradas no Sudeste — Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A CSP fica no complexo industrial e portuário do Pecém, onde há perspectivas futuras de oferta de hidrogênio verde e energia renovável, podendo inserir a usina na estratégia global de descarbonização do grupo.

Aquisição considerou futura instalação de hub de hidrogênio verde na área do Pecém, com uso para descarbonização

Para Aditya Mittal, CEO da ArcelorMittal, a aquisição envolveu um negócio moderno, eficiente, estabelecido e rentável, que irá melhorar ainda mais a posição no Brasil e agrega valor imediato à companhia. Ele destacou, em comunicado, que há potencial para descarbonizar o ativo com a instalação de um "hub" de hidrogênio verde de baixo custo mais a geração de energia solar e eólica na região.

Oliveira afirmou que a intenção da ArcelorMittal, desde o início, foi de adquirir 100% da CSP e que as negociações ocorreram diretamente com a Vale. "Nosso objetivo era de criar uma plataforma de produção no país de muito longo prazo", ressaltou.

A venda da CSP, para a Vale, significou o fim de uma jornada de 60 anos de investimentos na fabricação de aço no Brasil, e até no exterior. Começou em 1962 com a entrada no capital da Usiminas, com 9%, que estava sendo montado pelo governo brasileiro em parceria e tecnologia da Nippon Steel. E seguiu em diversas outras siderúrgicas. "É a primeira vez desde a década de 1960 que a Vale não tem nenhuma participação relevante em siderúrgicas", afirma Germano Mendes de Paula, professor-doutor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e especialista na indústria do aço. Em comunicado, ontem, a mineradora informou que o valor da venda — US$ 2,2 bilhões (R$ 11,4 bilhões) — será usado para abater dívida líquida de US$ 2,3 bilhões da CSP. E ressaltou que a transação reforça estratégia da empresa de simplificação de portfólio, com foco nos seu principais negócios. A empresa é uma das líderes globais em minério de ferro e grande produtora de dois metais não ferrosos: níquel e cobre.

Segundo o CEO de Aços Planos América do Sul, a operação no país desse tipo de aço — placas, laminados a quente e a frio e aço galvanizado (que é aplicado na construção, automóveis e linha branca) — responde, em volume, por 15% do total do grupo.

As operações brasileiras (aços planos e longos) do grupo são consideradas de alta rentabilidade. Ontem, na divulgação de balanço do segundo trimestre, o Brasil respondeu por Ebitda de US$ 1,27 bilhão, do total de US$ 5,16 bilhões. A margem Ebitda local foi de 31,9%, a maior no negócio aço. Com vendas de 3 milhões de toneladas no trimestre, a divisão Brasil teve receita de US$ 3,98 bilhões. Mundialmente, o lucro da ArcelorMittal somou US$ 3,92 bilhões.

Neste ano, segundo Oliveira, a produção de placas na usina de Tubarão (em Serra) está prevista em 7,2 milhões de toneladas. Desse volume, 2,5 milhões serão exportadas. O restante será convertido em 4,5 milhões de toneladas de chapas laminadas a quente.

A expansão da laminadora de São Francisco do Sul (SC), ao custo de R$ 1,9 bilhão na terceira linha de aços galvanizados e a frio, está planejada para iniciar operação no quarto trimestre de 2023.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.